



apresenta

FRÉDÉRIC COUSTOLS

em

O MENTOR

Não!

Isto é o ponto de partida...

Parte daqui, e vai aonde quiseres,

mas... temos um ponto de partida.

A minha posição é muito simples.

Enquanto SFPPIC.

Alcácer do Sal, 1000 metros

Estamos quase lá.

Não há ruínas no Torrão.

Não... há o Convento.

Não é uma ruína. *É o quê?*

Não podes considerar uma ruína. *Ai não? Então é o quê?*

Não. *Não é uma ruína? Então?*

Não, porque tens uma fachada, tens paredes interiores

Chegamos a uma vila que está, digamos, em ruína ao nível humano, mas não há ruínas materiais.

Olha, ali, Torrão. Torrão!

Uma vez adquirido [o convento], era absolutamente ridículo pararmos ali. Era preciso compreender a vila, a pequena urbe, e saber se poderíamos fazer outras coisas.

Sair de uma atividade egoísta, para si próprio, para seu próprio prazer, etc.

e ter uma atividade... digamos, mais comunitária.

Torrão.

Estou na floresta. Do Alentejo.

Foi a primeira visão que tive do Alentejo.

Uma floresta, um túnel de flores, de árvores.

Chegando ao Torrão, numa cidade branca, pequenina, suave, silenciosa... foi um prazer.

Vim até cá porque um amigo me disse para vir.

Não conhecia este lugar.

Não conhecia a estrada de Alcácer para o Torrão.

E ele disse-me: — Tens de visitar este edifício, o Convento de Nossa Senhora da Graça

E eu simplesmente... entrei.

E achei que era uma ruína.

E adorei esta ruína.

E assim, disse: — Vamos fazê-lo. Vamos restaurá-lo.

Vamos dar vida a este espaço.

E... na semana seguinte, pensei:

— Isto é ridículo. Porque haveríamos de restaurar um convento neste estado?

Não tem significado.

O significado está noutra sítio. Isto significa que vais, e restauras, e fazes este enorme trabalho no Convento, mas tens de estar dentro da comunidade.

E então começámos a pensar nesta vila, 2000 habitantes, pessoas a viver, idosos, mas uma comunidade muito... muito suave.

Então falei contigo, Mário Caeiro.

E perguntei-te se te juntarias a tal conceito de labor sobre a vila, procurando dar-lhe mais vida.

E assim foi.

Bom, o sonho, sabes, quando fazes alguma coisa, ou a fazes pelo negócio, por dinheiro, ou a fazes porque acreditas que é parte de ti.

Não tem nada a ver com rentabilidade... e coisas assim.

Eu não sei, de facto. Temos de o deixar viver, de o deixar desenvolver-se, com as pessoas certas, com os parceiros certos.

É um jogo. É um brincar. É um teatro.

Acho que o termo técnico é 'minimum', mas o principal no projeto são as ligações sociais, que no imediato são difíceis de definir.

Temos primeiro de entrar na vila, aqui viver, misturarmo-nos com as pessoas, e não interferir muito.

Quando olhamos em detalhe para o Torrão, aparece um fator.

Esta pequena vila está fora do mundo, fora dos parâmetros definidos pela União Europeia, definidos e usados pelo Governo Português.

E é... é uma escala pequena, é à escala da Vida.

E pensámos que podíamos desenvolver neste projeto, através deste Convento e das diferentes propriedades que iremos desenvolver, um programa de Pós-crescimento.

O que significa algo, onde... muito próximo das pessoas, hoje... elas não consomem, elas consomem apenas para a sua vida quotidiana.

Não têm grandes carros, não têm duas televisões, não vão de férias para longe. Não, elas vivem na terra, e têm prazer em viver na terra.

Não precisam de nada mais. E são afastadas porque não é assim que é suposto viverem.

E este é um caso muito interessante para ser estudado. E para ser implementado.

E fá-lo-emos através da Arte, da Cultura, da Sociologia... como num laboratório.

Não há mais a acrescentar.

É muito trabalho mas, sabes, tenho 80 anos, e não tenho nada mais para fazer, por isso... Pronto para avançar!

E temos uma grande equipa connosco, uma grande equipa.

Foi criada uma Associação que é muito ativa, muitas pessoas se estão a juntar, e esperamos que muitas mais o façam. Não só do Torrão, mas especialmente do Torrão. Mas também de fora, e das vilas em redor. Não quero aqui entrar em questões específicas, são tantas. Mas temos de avançar passo a passo e ir experimentando. Considero que a tentativa é uma necessidade, e que poucos políticos agem desta forma. Fazem-no de acordo com processos impostos pela UE e isto é completamente diferente. Por isso, temos de tentar. Não será fácil, porque é contra a filosofia e a decisão política da UE... não é fácil...

Mas para o bem-estar das pessoas aqui, para a manutenção da sua cultura, da sua terra, da sua paisagem, é algo que devemos tentar. Talvez eu seja demasiado otimista.

Gostas? Consegues imaginar, dez charutos por dia? E 80 anos de idade?

Realização | câmara | edição
Susana Valadas

Com
Frédéric Coustols

E a participação de
Mário Câmara Caeiro
Maria Mendonça

Guião de entrevista
Mário Câmara Caeiro

Legendagem
Catarina Crespo Martins – Português
Sandra Wilson – Inglês

2023